

O homem amazônico e o seu meio a partir de Alfred Russel Wallace

Victor Rafael Limeira da Silva (Mestrando
em História – PPGH/UFCG)

1. O século XIX e a nova ciência da natureza

Como é usual ao ofício do historiador eleger um recorte temporal sobre o qual irá se debruçar para inferir questões pertinentes ao seu tempo, assim o fizemos para a produção deste artigo, fruto de minhas recentes pesquisas, e os demais desdobramentos a partir da mesma. O século XIX, período do qual lançamos mão, é recorrentemente associado na história como a época da consolidação da grande expansão iniciada pelos Estados Nacionais europeus desde os finais do século XV, não mais baseada apenas em motivações econômico-comerciais, mas, principalmente no desenvolvimento e divulgação dos principais debates científicos e filosóficos das mais diversas ordens.

Neste contexto, se inserem dentre outros campos de saber: a sistematização das chamadas ciências naturais, estas na esteira dos grandes nomes que desde o humanismo buscaram a compreensão da natureza como a maneira mais lógica de se posicionar perante os saberes escolásticos, por sua vez em fase de profunda crise ora iniciada no trabalho dos primeiros intelectuais que ousaram discutir as verdades dogmáticas da cosmologia e da cosmogonia judaico-cristã; citá-los aqui é produzir uma extensa lista que vai desde as proposições do catarismo até o grande impacto das teorias que são associadas a Charles Darwin a respeito do processo evolutivo das espécies por meio da seleção da natureza e da competitividade.

A partir destas afirmações estamos dialogando com a análise do desenvolvimento dos saberes humanos como um processo complexo e lacunar, sempre possível de ser questionado ou de sofrer contribuições das mais diversas. Na ânsia de buscar explicações para todas as questões que nos inquietam tendemos a vislumbrar a história da ciência como uma linha irredutivelmente linear, que por sua vez está sob uma certeza evolutiva teleológica como entendeu Hegel a

10.4025/6cih.pphuem.610

respeito do que ele chamou de “espírito humano”. Esta concepção aplicada à história da ciência, porém, proporciona muito mais equívocos do que contribuições concretas, pois, ela nos induz a reduzir as mais diversas experiências de saber que se sobrepuseram em diferentes épocas a um mesmo modelo de compreensão, sendo função do historiador, porém, evitar o máximo possível os anacronismos e os julgamentos de época, como defende Arlette Farge (2011) apropriando-se de uma fala de Michel Foucault:

A interpretação, seja ela filosófica ou histórica, não é uma coisa regulamentada de uma vez por todas. É mesmo uma tarefa infinita, que coloca em primeiro lugar o caráter ilimitado e infinitamente problemático da coisa a analisar e daquele que analisa. O espaço da interpretação é um espaço constantemente aberto e sempre por retomar. Michel Foucault podia sugerir a esse respeito que um dia se estabeleça a soma de todas as técnicas de interpretação do social e do homem que foram utilizadas desde o mundo grego: com a ajuda dessa soma poderíamos ler a história dos homens e aquela dos saberes tentados.¹

Como qualquer época da história, o século XIX poderia ser analisado e questionado sob os mais diferentes ângulos e a partir de interesses mais diversos ainda, por isso, tomamos como ponto de partida a ideia de que o historiador é um selecionador de fragmentos do passado a respeito dos quais possui uma intencionalidade prévia. Recortamos o espaço do século XIX para o estudo em questão por se tratar de uma época propícia para a discussão sobre os paradigmas e métodos científicos europeus que tiveram lugar de forma profícua nas tantas viagens e expedições de cunho intelectual realizadas na Ásia e América, principalmente no Brasil durante os oitocentos; não que os séculos anteriores e posteriores não ofereçam a mesma possibilidade, mas, no século XIX muitos dos mais importantes debates no campo da ciência natural já se encontravam em um estágio de sistematização tal, que os lugares de fala daqueles cientistas sobre os quais discorreremos são muito mais facilmente reconhecíveis, até mesmo nas suas nuances mais complexas.

10.4025/6cih.pphuem.610

Tomamos como exemplo o próprio Alfred Russel Wallace que dá razão ao desenvolvimento deste texto. O seu perfil como naturalista ou mesmo também como “etnólogo” deve-se em grande parte ao estado de debates científicos no qual se encontrava a Europa: tendo sido superadas em parte as concepções lamarckianas e buffonianas da superioridade de algumas espécies sobre outras, tendo como ponto de apoio a idade geológica e a consideração métrica das espécies, ganha notoriedade as proposições da nova zoologia que tem em Cuvier e Charles Darwin suas maiores expressões, estes dois últimos sistematizaram as ideias que faziam frente às anteriormente expostas, e consideravam que os fatores que catalisam a diferença entre espécies de continentes distintos tem haver com causas complexas, dentre estas as particularidades geográficas a respeito das quais Wallace dedicou boa parte do seu trabalho na Malásia, a partir do qual herdou o título de pai da Biogeografia.²

Nossas investigações sobre a biografia e as contribuições científicas do entomólogo galês Alfred Russel Wallace remontam aos primeiros encontros com o professor orientador, no intuito de discutir a respeito de possíveis objetos de estudo no campo da história ambiental e da ciência. Falando pessoalmente como historiador, sempre tive certa empatia e tendência por conhecer melhor os personagens da história que por um ou vários motivos acabaram ficando no limbo da memória historiográfica, ou que são lidos de forma tão redutiva que grandes questões referentes à suas experiências tornam-se notas de rodapé de outros personagens mais largadamente discutidos.

Foi partindo deste exercício de busca pela descentralização do olhar que conheci Wallace. Tal como minha feição pessoal por preferir indivíduos históricos “negligenciados”, meu interesse pelo debate interdisciplinar entre as humanidades e as ciências da natureza contribuiu de forma decisiva para a escolha do objeto de estudo em questão, ao passo que a história ambiental e da ciência tornaram-se as áreas de especialização com as quais venho dialogando nos meus dois últimos anos de pesquisa.

Lendo o clássico de Charles Darwin, *A Origem das Espécies*, me deparei com uma pequena nota de rodapé no capítulo que trata da disposição geográfica das

10.4025/6cih.pphuem.610

espécies e o peso que tal condição tem para a determinação dos caracteres fenotípicos de cada uma delas. Na dita nota, Darwin faz menção a um ensaio pioneiro com o nome *Sobre a lei que regulou a introdução de novas espécies*, este escrito por um cientista de idade mediana, o qual trocando correspondências com seu amigo Walter Bates propôs inferências interessantes com relação à variabilidade das espécies baseada em novas proposições, as quais não diziam mais respeito aos esquemas da antiga zoologia anterior a Cuvier. Era Alfred Russel Wallace, o estudioso de insetos cuja vida e trabalhos científicos passamos a buscar incessantemente nos primeiros meses da pesquisa.

No presente artigo, porém, a grande obra deixada como legado por esse naturalista não nos interessa por completa, pois, nosso recorte se refere em especial às suas inferências a respeito da convivência com as comunidades nativas do alto Rio Negro nos dois últimos anos de sua estadia no Brasil que foi de 1848 a 1852, tais inferências estão registradas nos capítulos XII e XVII de seu diário de viagem, o primeiro que narra a complexa subida pelo desconhecido rio Uaupés e o segundo aonde ele reúne todas as observações sobre os aborígenes amazônicos, particularmente as etnias no entorno do mesmo rio, afluente do Negro. O *Viagens pelos rios Amazonas e Negro* foi publicado pela primeira vez em 1853 em Londres e teve sua versão brasileira lançada em 1979 pela Editora da Universidade de São Paulo.

Lendo e analisando o seu texto percebemos a possibilidade de múltiplos questionamentos que podem ser levantados, tais como: em que termos se dá o contato intercultural de Alfred Russel Wallace com os povos do Uaupés? De quais arcabouços discursivos o naturalista galês faz uso para interpretar/traduzir o nativo no seu espaço de sociabilidade? Em que pese a sua face de cientista natural, quais são as percepções de natureza, meio ambiente e ser humano com as quais dialoga? Alfred Russel Wallace pode ser lido como um nome representante das novas concepções científicas sistematizadas por Charles Darwin? Ou as tradicionais facetas do conhecimento referentes a Buffon e a outros intelectuais das ciências naturais ainda sustentam em parte o seu texto?

Não trabalhamos com o texto de Wallace de forma isolada, o que empobreceria a nossa narrativa, lemos e cruzamos seu relato de viagem com o de Henry Walter Bates, *O naturalista no Rio Amazonas*, publicado quase uma década depois do relatório de seu companheiro de ciência e de conversa, e com a obra do botânico inglês Richard Spruce, *Notas de um botânico no Amazonas e nos Andes*, organizado e lançado em 1908 com notas explicativas pelo próprio Russel Wallace. Spruce chegou ao Brasil um pouco depois deste e suas incursões pela Amazônia brasileira e internacional tem uma relação direta com a própria viagem e produção do galês.

2. O homem e o meio no rio Uaupés na narrativa de Alfred Russel Wallace

Alfred Russel Wallace é o oitavo de nove filhos, nasceu em 1823 em um pequeno vilarejo chamado Llandoc, próximo de Usk no País de Gales. Devido aos problemas financeiros da família precisou desde muito cedo trabalhar com o irmão mais velho na construção civil. Toda a sua formação foi na área técnica de engenharia e somente em 1843 é que teve os primeiros contatos com a história natural quando conheceu Henry Walter Bates no Collegiate School em Leicester, onde estava trabalhando após um longo período de desemprego. Nesse ínterim, a entomologia passou a ser uma das grandes paixões de Wallace, que, inspirado em Bates começaria a desenvolver uma grande coleção de insetos, e palmilharia numerosos clássicos da História Natural, tal como *Vestígios da História Natural da Criação* (1844) de Robert Chambers, *A Viagem do Beagle* (1839) de Charles Darwin e *Princípios de Geologia* (1830-1833) de Charles Lyell.

Desde que teve contato com as primeiras páginas dos relatos brasileiros de viajantes europeus, Wallace foi impactado pelas ricas descrições sobre o meio, o homem e os costumes dos trópicos. É sintomático que da sua cidade natal no País de Gales ele tenha motivado-se a vislumbrar a “realidade” desses textos viajando também ao Brasil, jornada que aconteceu em 1848 a bordo do navio *Mischief* na companhia de Walter Bates, que a época já era um grande estudioso da história natural e da entomologia.

10.4025/6cih.pphuem.610

Segundo o próprio Wallace (1979) foi o texto de Willian Edwards, *Uma viagem subindo o Rio Amazonas* (1847), que alavancou seu desejo de conferir com os próprios olhos as maravilhas que estavam presentes nos relatos com os quais ele tanto se deleitou desde sua juventude.³ Numa época em que houve uma grande emergência da história natural, como nos diz Louise Pratt (1999), as novas estruturas do conhecimento e a exploração continental motivavam um grande número de intelectuais a se interessarem pelo desenvolvimento dos seus saberes fora da Europa, seu único espaço de atuação até então.

A chegada de Wallace ao Brasil em Maio de 1848 gerou-lhe tanto impacto quanto as leituras que havia feito de Humboldt e Edwards, porém, um impacto inverso: o espaço natural brasileiro não parecia de fato com aquele que estava registrado de maneira maravilhosa nas obras dos seus predecessores. Wallace pôde perceber o que hoje nós enxergamos mais criticamente: toda produção intelectual sobre qualquer que seja o objeto de estudo está diretamente imbricada pelos interesses e visões individuais, é o que Moreira (2009) estudando os relatos de viajantes oitocentistas chama de “olhar estrangeiro”⁴ ou o que De Certeau (1982), numa linguagem mais historiográfica, vulgarizou como o “lugar social” daquele que detém a fala;⁵ portanto, as análises no campo da história dos relatos de viagem deveriam levar em consideração especialmente os fatores que condicionaram determinado intelectual a chegar à suas proposições interpretativas. O posicionamento de Wallace em relação à “fantasia” que circulava nas linhas dos textos de viajantes é fundamental para ilustrar tais questões:

Minhas anteriores excursões haviam-se limitado à Inglaterra e a um curto passeio pelo continente europeu, de sorte que tudo aqui para mim deveria ter o encanto de perfeita novidade. Eu nunca tive, entretanto, tão grande e tão completo desapontamento. A temperatura não era tão ardente, os costumes do povo não eram lá tão esquisitos, nem mesmo a vegetação era tão espantosa, como eu havia imaginado e conjeturado durante o tédio de uma viagem marítima.⁶

10.4025/6cih.pphuem.610

É evidente que o termo “meio” e “meio ambiente”, do qual lançamos mão, correspondem a diversos significados e apropriações nas mais diferentes experiências. É pensando nisso que buscamos na obra de Wallace suas percepções e análises a respeito da tão complexa relação homem/natureza no contexto recortado. Tomamos o naturalista como possuidor de um discurso multifacetado: em partes corroborando com a concepção do nativo puro e totalmente harmônico com a natureza, vítima do contágio moral com os europeus, e em outras apontando para novas ideias que percebem os indivíduos como agentes de sua própria história, tanto para uma relação equilibrada com os recursos de fauna, flora e relevo como para a ação “predatória” das potencialidades da natureza, a citação seguinte é sintomática em relação à nossa fala:

Nas vizinhanças da civilização, o índio perde a maior parte de seus costumes típicos, modificando seu estilo de vida, sua arquitetura, seus hábitos e sua linguagem, adquirindo os preconceitos da civilização e adotando os ritos e cerimônias da religião católica romana. Tornando-se logo um ser diferente daquele que constitui o genuíno habitante da selva. E quando a sua cultura civilizada não passa de uma tintura leve e superficial, seria lícito perguntar se tal indivíduo, em última análise, não passaria de um pobre diabo abastardo e degenerado... Pois é este o estado dos índios encontrados pela maior parte dos viajantes nas margens dos rios amazônicos do Brasil, da Venezuela e do Peru.⁷

Vale a pena salientar que o termo “degenerados” usado aqui por Wallace diz muito mais respeito ao processo de contato e apropriação de costumes estranhos pelos nativos do que mesmo à concepção de “degeneração” oriunda da antiga zoologia buffoniana, que na segunda metade do século XIX já se encontrava praticamente superada pela nova zoologia darwiniana. Reconhecer a colonização política, econômica, mas principalmente cultural empreendida pela Europa desde os quinhentos é dar um grande passo em direção às rupturas mentais pelas quais o mundo ocidentalizado estava se inserindo gradativamente. Possuir, mesmo que minimamente, a feição de europeu oitocentista na sua escrita é algo praticamente inevitável para um homem desse período, mas, buscar enxergar o “outro” a partir da direção inversa à tradicional o coloca em uma posição de ruptura no seu tempo.

De acordo com a tradição inaugurada por Von Humboldt, a máxima de que os comportamentos humanos e a forma como os indivíduos se relacionam com o meio

10.4025/6cih.pphuem.610

natural são determinados exclusivamente por causas climáticas tornou-se um dogma científico, base de muitas outras concepções que entendem o ser humano atrelado ao meio do qual ele se origina. Por isso, a existência das várias visões que afirmam serem os homens e as mulheres dos trópicos propensos à degradação dos costumes morais, tão preservados pelos europeus, costumes esses que ironicamente não eram nem conhecidos por aqueles que habitavam o nosso continente antes das explorações marítimas.⁸

Sendo um homem dos oitocentos é evidente que Alfred Russel Wallace seja de certa forma caudatário destes paradigmas citados, afinal sabemos da importância que a leitura das obras desses viajantes teve sobre sua decisão em estudar a fauna e flora amazônicas. As falas do naturalista galês em sua principal obra sobre a Amazônia - *Viagens pelos rios Amazonas e Negro* – são muito polissignificativas, especialmente quando ele trata do tema natureza-homem; em vários trechos Wallace propõe uma renovação da forma como essa questão era vista sob o prisma humboldtiana: o homem como um ser praticamente preso às determinações climáticas e sem quase nenhuma possibilidade de crescimento cultural, caso não possuísse a vantagem de ter nascido em algum país de clima “mais propício”(leia-se aqui países do Velho Mundo).

Há momentos em que Wallace descreve um amazônico quase como extensão da natureza, e em outros percebe as inúmeras possibilidades que a cultura humana tem de se desvencilhar das amarras que se acreditava prender os indivíduos ao mundo natural. Suas proposições só foram possíveis a partir de uma visão minuciosamente detalhada das diversas práticas e significações que o meio assume na vida dos povos amazônicos. Wallace se deslumbrou tanto com as possibilidades de vivência e sobrevivência que essas pessoas haviam criado que ele chegou a escrever uma espécie de “ode à Amazônia” na qual diz:

Com as suas gravatanas⁹ [sic] ou arcos e flechas, vão-se arrastando. Furtivamente, para matar os passarinhos ou, então, em suas caudas, rapidamente deslizam, para fisgar um peixe. Quanto eu lastimo os rapazes ingleses, que trazem o corpo e os pés apertados, tolhidos o [sic] encerrados em roupas e botinas!

Pelo uso do calçado, os dedos dos pés ficam retorcidos, e, ao peso do chapéu, ficam as fronte doloridas. Pobre gente enervada,

10.4025/6cih.pphuem.610

arruinada pelo luxo! Muito ainda lastimo as raparigas da Inglaterra, com a cintura, o busto e os seus seios apertados por aquele vil e torturante instrumento, chamado "colete" (grifo do autor).

E, assim, passam aqueles bons índios a sua vida simples. São uma raça pacífica; poucos crimes graves são conhecidos entre eles; não roubam, não matam. E todas essas complicadas maldades e vilanias dos homens ditos civilizados são aqui ignoradas.¹⁰

Como estrangeiro falando de um lugar que pouco conhece, o naturalista costuma lançar mão de comparações com seu espaço de origem. Nesta citação ele observa que não há coerência na compreensão de que o homem amazônico é simplesmente aquele que pertence à natureza, obedece-a e leva sua vida seguindo parâmetros exclusivamente naturais, o peso da cultura a partir de uma concepção "possibilista" parece ser mais interessante para Wallace.

Outro fator de extrema importância na escrita do galês é seu espanto por saber que até mesmo o amazônico tem limitações no contato com o mundo natural. Para Wallace, o índio não conhece tudo, o "mestiço" é tantas vezes pego de surpresa sem saber como agir diante de determinados fenômenos, e ele no lugar de "cientista" é levado a buscar compreensões racionalizadas sobre questões que aparentam fugir de uma noção cristalizada de índio e de "brasileiro". Uma das passagens mais interessantes de sua obra, que exemplifica tal questão, discute sobre a crença propagada pelos europeus de que os indígenas eram totalmente imunes a picadas de mosquito, Wallace (1939, p.197) desvenda a suposta lenda: "Os índios sofriam tanto quanto nós mesmos, com aquela importuna praga. É um erro supor que os mosquitos não os picam. Vós os percebeis, [...] a bater constantemente em seus próprios corpos nus [...]".

3. Considerações Finais

No decorrer deste trabalho, buscamos identificar o naturalista Alfred Russel Wallace a partir das diversas leituras que este produziu a respeito das comunidades e dos indivíduos adjacentes ao Rio Uaupés que é um dos mais importantes afluentes do Rio Negro, mas, que no século XIX ainda possuía diversos trechos desconhecidos sob o ponto de vista científico. Realizar uma pesquisa tendo por escopo parte de uma expedição de História Natural oferece inúmeras possibilidades historiográficas, ao passo que estes homens de ciência dos oitocentos nos legaram uma infinidade de relatos sobre práticas culturais, estruturas econômicas, sociais e políticas, além da visão de mundo e a relação com a natureza de tantos indivíduos que possivelmente jamais conheceríamos se não fosse o detalhamento narrativo das literaturas de viajantes.

Usufruindo da obra brasileira *Viagens pelo Rio Amazonas e Negro* do entomólogo oriundo do País de Gales e conectando sua escrita com outra fonte, o relatório de viagem do seu amigo de ciência Henry Walter Bates intitulado *O naturalista subindo o Rio Amazonas*, procuramos indagar sobre as problemáticas que nos motivaram a pesquisar sobre aquela figura. Partimos da hipótese de que Wallace, de uma forma diferente do que se poderia pensar sobre um naturalista do

século XIX, oferece descrições e análises sobre os povos habitantes do entorno do Uaupés de modo que um leitor desatento imaginaria ser de um homem de outra época.

Confirmamos nossa hipótese, dado que nas minuciosas descrições tendo por temática a vida dos uaupés, Alfred Russel atualiza os debates que a nova zoologia de Cuvier e Charles Darwin vinha propondo há alguns anos, no tocante à multiplicidade de características que os indivíduos (incluindo o *Homo sapiens sapiens*) podem possuir de acordo com sua disposição geográfica e sua adaptabilidade ao meio. Estas proposições colocavam o tema do *antiamericanismo* pelo menos em uma posição de desconfiança no meio científico e Wallace, segundo Bates, possuía grande renome como autoridade nos debates sobre a nova zoologia.

Em um perfil pouco etnocêntrico, mas ainda “interessado”, Wallace dedica boa parte da sua obra ao trecho da expedição que o próprio considerou como o principal marco dos quatro anos que permaneceu em solo brasileiro. Conheceu diversas tradições indígenas, muitas delas ainda intocadas, e condenou a postura tomada pelos europeus desde o período colonial em forçar estes indivíduos a perder seus principais referenciais de cultura em nome de algo tão volátil como é o comércio e o lucro. Celebrizou a beleza física, a disposição natural, a afetividade, a religiosidade, os costumes cotidianos daqueles “homens da floresta”, como ele mesmo os chamou, e se auto questionou enquanto europeu e cientista a cada diálogo travado com os índios, com os “brasileiros” ou com outros estrangeiros que como ele vivenciaram as mesmas experiências.

Ao leitor que por ventura se depare com este texto e questione suas possíveis lacunas, deixo a minha compreensão de que tentei ao máximo oferecer um debate atualizado e mais problematizador do que solucionador, percebido que há tantas possibilidades que se abrem a partir da nossa leitura sobre Wallace para que mais investigações e trabalhos acadêmicos deem conta de aprofundar os conhecimentos sobre este indivíduo histórico tão curioso e tão pouco debatido. Deixo também a minha abertura para possíveis diálogos com leitores que como eu sejam fascinados pela história das ciências e dos saberes humanos e que pretendam aumentar seu leque de conhecimentos.

4. Notas

¹ FARGE, Arlette. **Lugares para a história**. Tradução: Fernando Scheibe. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011. p. 27.

² SMITH, Charles H. **Alfred Russel Wallace: A Capsule Biography**. Disponível em: <<http://people.wku.edu/charles.smith/index1.htm>>. Último acesso em: 15/02/2013.

³ WALLACE, Alfred Russel. **Viagens Pelos Rios Amazonas e Negro**. 1ª Edição. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1979, p. 11;

⁴ MOREIRA, Bruno Alessandro Gusmão. *Os Relatos dos Viajantes Estrangeiros no Brasil Oitocentista: Possibilidades Historiográficas*. In: CICLO DE ESTUDOS HISTÓRICOS, 20, 2009, Ilhéus. **Anais...** Ilhéus: UESC, 2009.

⁵ CERTEAU, Michel de. *A operação historiográfica*. In: **A escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982. p. 65-119.

⁶ WALLACE, Alfred Russel. **Viagens Pelos Rios Amazonas e Negro**. 1ª Edição. Tradução de Eugênio Amado. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1979. p. 6.

⁷ Idem, p. 291.

⁸ SILVA, Victor Rafael Limeira da. *Alfred Russel Wallace: Um Olhar Sobre o Indivíduo e o Meio na Amazônia (1848-1852)*. In: **Anais do 2º Simpósio Internacional de História Ambiental e Migrações**. Florianópolis: UFSC, 2012.

⁹ Segundo Orlando Torres, tradutor da 1ª edição da obra no Brasil, a palavra correta seria "zarabatana".

¹⁰ WALLACE, Alfred Russel. **Viagens Pelos Rios Amazonas e Negro**. 1ª Edição. Tradução de Eugênio Amado. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1979. p. 6.

¹⁰ Idem, p. 330.

REFERÊNCIAS

ALVES, José Jerônimo de Alencar. *A natureza e a cultura no compasso de um naturalista do século XIX: Wallace e a Amazônia*. **História, Ciências, Saúde-Manguinhos**. Rio de Janeiro, v. 18, n. 3. Julho/Setembro 2011.

_____. *Determinismo climático e salubridade amazônica na percepção de Bates e Wallace*. **Cadernos de História da Ciência**. São Paulo, v. 4, n. 2. Junho 2008.

CARMO, Viviane A.; MARTINS, Lilian A. Pereira. **Charles Darwin, Alfred Russel Wallace e a seleção natural: um estudo comparativo**. *Filosofia e História da Biologia*. São Paulo, vol. 1, nº 1, p. 335-350, 2006.

CHARTIER, Roger. **A história ou a leitura do tempo**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

DRUMMOND, José Augusto. *A História Ambiental: temas, fontes e linhas de pesquisa*. **Revista Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, vol. 4, nº 8, 1991.

DUARTE, Regina Horta. **História e Natureza**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

FARGE, Arlette. **Lugares para a história**. Tradução: Fernando Scheibe. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

FERREIRA, Alexandre Rodrigues. **Viagem Filosófica pelas capitanias do Grão-Pará, Rio Negro, Mato Grosso e Cuiabá**. Conselho Federal de Cultura: 1972.

GERBI, Antonelo. **O Novo Mundo – História de uma polêmica (1750-1900)**. Tradução: Bernardo Joffily. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

HARTOG, François. **O Espelho de Heródoto: ensaio sobre a representação do outro**. Tradução: Jacyntho Lins Brandão. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1999.

KURY, Lorelai. *Viajantes-naturalistas no Brasil oitocentista: experiência, relato e imagem*. **História, Ciências, Saúde-Manguinhos**. Rio de Janeiro, vol. 8. (suplementos), nº 863-80, 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59702001000500004>. Último acesso: 10/10/2012.

LEITÃO, Candido de Melo. *História das explorações científicas no Brasil*. **Brasiliana**. Série 2. Volume 209. Disponível em: <<http://www.brasilliana.com.br/obras/historia-das-exploracoes-cientificas-no-brasil>>. Último Acesso: 04/04/2013.

MOREIRA, Bruno Alessandro Gusmão. *Os Relatos dos Viajantes Estrangeiros no Brasil Oitocentista: Possibilidades Historiográficas*. In: CICLO DE ESTUDOS HISTÓRICOS, 20, 2009, Ilhéus. **Anais**. Ilhéus: UESC, 2009.

PRATT, Mary Louise. *Introdução: crítica na zona de contato*. In: **Os olhos do império: relatos de viagem e transculturação**. Tradução de Jézio Hernani Bonfim Gutierre. Bauru: EDUSC, 1999. p. 23-38.

SILVA, Victor Rafael Limeira da. *Alfred Russel Wallace: Um Olhar Sobre o Indivíduo e o Meio na Amazônia (1848-1852)*. In: **Anais do 2º Simpósio Internacional de História Ambiental e Migrações**. Florianópolis: UFSC, 2012.

SPRUCE, Richard (Org. Alfred Russel Wallace). **Notes of a Botanist on The Amazon and Andes**. Londres: Macmillan, 1908. Disponível em: <<http://www.archive.org/details/notesofbotanist00spruuoft>>. Último acesso: 05/03/2013.

WALLACE, Alfred Russel. **Viagens Pelos Rios Amazonas e Negro**. 1ª Edição. Tradução de Eugênio Amado. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1979.

WORSTER, Donald. Para fazer história ambiental. **Revista Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, vol. 4, nº 8, 1991.

Site Consultado:

<http://people.wku.edu/charles.smith/index1.htm>